

RELAÇÕES (INTER) DISCURSIVAS NO PERCURSO HIPERTEXTUAL: ENTRE A HISTORICIDADE E A INOVAÇÃO

Juçara Moreira Teixeira*

Recebido: 12 ago. 2011

Aprovado: 07 out. 2011

*Mestre em Letras. Professora do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG.
E-mail: jucaramoreirateixeira@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, propomos uma análise das relações estabelecidas entre hipertextos nos percursos de leitura abertos pelos *links*. A partir dos estudos sobre a internet e o hipertexto e a Análise de Discurso, realizamos um estudo de caso em uma revista eletrônica feminina. Concluímos que os hipertextos se ligam discursivamente por meio de enunciados pertencentes a formações discursivas contíguas, não admitindo, no percurso de leitura, o diálogo entre discursos que contradizem a(s) visão(ões) que se deseja instituir sobre os objetos de discurso. Constatamos que no percurso hipertextual há elementos inovadores como os *links*, mas também uma historicidade que lhe é constitutiva, derivada dos discursos manifestos na materialidade discursiva dos hipertextos.

Palavras-chave: Hipertexto. Discursos. Historicidade. Inovação.

(INTER) DISCOURSIIVE RELATIONS IN THE HYPERTEXTUAL PATHS BETWEEN THE HISTORICITY AND THE INNOVATION

Abstract: In this paper, it is intended to analyze the established relationship among hypertexts in the reading routes opened by the links. From the studies about the internet and hypertexts. It was conducted a case study research in a feminine electronic magazine. It was concluded that hypertexts are connected discursively through enunciations belonging to contiguous discursive formations, not admitting, in the reading route, the dialog among discourses that contradict the view(s) that is (are) desirable to institute about the discourse objects. It was found that in the hypertextual route there are innovative elements such as links, but also a constitutive historicity derived from discourses manifested in the hypertexts discursive materiality.

Key words: Hypertexts. Discourses. Historicity. Innovation.

INTRODUÇÃO

A partir da criação da prensa por Gutenberg no século XV, o mundo vivenciou novas formas de leitura e escrita, o que, conseqüentemente, proporcionou mudanças nas formas de interação entre as pessoas. Dentre as novas tecnologias de comunicação criadas desde o século XV, destacamos a internet, mídia do final do século XX que trouxe novos modos de construção e recepção da linguagem verbal e dos elementos icônicos produzidos pelas sociedades.

A internet inaugurou um novo tipo de leitura, de configuração e suporte desse material de leitura por meio da criação do hipertexto. Segundo Lévy (1999, p. 56), ele é “constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, imagens, sequências musicais, etc) e por links entre esses nós, referência, notas, ponteiros, ‘botões’ indicando a passagem de um nó a outro”. Destacam-se também sua fluidez, a rapidez, as várias possibilidades de leitura de textos, a capacidade de armazenar um número infinito de documentos, o princípio da não-linearidade, o uso do *mouse* que permite ao usuário interagir com a tela, os “menus” que mostram ao usuário as opções de caminhos a percorrer e a tela gráfica de alta resolução (p. 36).

Dentre os elementos constitutivos do hipertexto apontados por Lévy, interessa-nos analisar o *link*, mecanismo material do hipertexto responsável por torná-lo “hiper”, conforme aponta Cavalcante (2005, p. 163). Desse modo, o *link* pode ser considerado elemento fundamental no hipertexto¹, pois é o responsável por marcar as diversas opções de leitura que um único hipertexto abre na página do computador, possibilitando assim a realização de uma leitura extensa e não-linear.

A proposta desse trabalho centra-se exatamente sobre a análise do *link*, enfatizando o processo de escolha de *links* a partir de um único hipertexto, de abertura de diferentes percursos de leitura e de formação de um sistema arbóreo² repleto de hipertextos interligados.

A partir da constatação de que os *links* relacionam hipertextos e direcionam a leitura, objetivamos demonstrar que essas ligações e inter-relações entre os hipertextos, e a sua consequente formação de percursos de leituras, não se fazem apenas pela presença de *links*, mas, principalmente, que se realizam discursivamente pelo diálogo entre *enunciados* manifestos nos hipertextos.

Pretendemos demonstrar também, sob essa perspectiva de análise, que essas relações entre hipertextos evidenciam a historicidade e a inovação que lhes são constitutivas, pois há uma relação que se faz devido à existência dos elementos discursivos – refletindo a historicidade – e dos *links*, exemplares da inovação da tecnologia informática.

¹ A internet oferece dois tipos de texto: textos digitalizados sem *links* e textos digitalizados com *links* em seu interior. Adotamos o conceito de hipertexto para os textos com *links*, os quais oferecem uma leitura não-linear.

² Designamos de “sistema arbóreo” o desenho que se forma quando partimos dos *links* e prosseguimos os percursos disponibilizados por eles. Fizemos um mapeamento desses percursos que resultou num desenho semelhante a uma árvore invertida. Por esse motivo, adotamos essa nomenclatura para distinguir o hipertexto – que é o texto com *links* disposto na tela do computador – do sistema arbóreo, que é o resultado da junção de todos os hipertextos, originários de um hipertexto inicial, conectados por *links*. Esse termo originou-se do termo adotado por Santaella (2008) ao afirmar que o sistema de relações entre hipertextos pode adquirir o formato arbóreo, analógico, reticular, etc.

Diante da infinidade de hipertextos na internet e de leituras possíveis, delimitamos como *corpus*, para procedermos a um estudo de caso, um hipertexto³ do *site Terra* publicado na seção *Relacionamento* da página *Terra Mulher*⁴.

O *corpus* selecionado possui especificidades que nos impedem de alcançar a totalidade da questão a ser discutida, como o fato de ser pertencente a uma revista feminina eletrônica – que possui um perfil editorial específico – e por ter um número limitado de hipertextos conectados a um único hipertexto se comparado a outros hipertextos circulantes na internet. Desse modo, esse trabalho é uma tentativa de refletir sobre a complexidade do hipertexto dentre as iniciativas dessa natureza que existem, considerando o fato de que a internet e o hipertexto ainda são pouco explorados da perspectiva discursiva.

Para cumprir os objetivos propostos, estabeleceremos um diálogo entre os estudos sobre internet e hipertexto (LÉVY, 1999; CAVALCANTE, 2005) e os estudos da análise de discurso (FOUCAULT, 1996, 2008; MAINGUENEAU, 2008; ORLANDI, 1996), os quais discutiremos a seguir.

O HIPERTEXTO: CONFIGURAÇÕES E INOVAÇÕES DO/NO MATERIAL DE LEITURA

Em 1945, Vannevar Bush anunciou sua ideia de hipertexto em seu artigo *As we may think*. Para Bush, no que tange à organização e indexação das informações, a mente humana funciona através de associações, passando de uma representação a outra em uma rede intrincada, repleta de bifurcações. Ele imaginava a criação de um reservatório multimídia de documentos, baseado nesta concepção da mente humana, para armazenar textos, imagens e sons.

A partir dessas primeiras pesquisas, foi criado o hipertexto que atualmente possui a capacidade de concentrar um número alto de textos, vídeos, imagens e sons que podem estar relacionados a centenas ou milhares de nós, através de uma rede de nexos. Esses elementos comunicativos ficam armazenados no hiperespaço de modo virtual e se materializam quando

³ Selecionamos esse objeto por ele apresentar o aspecto de texto digitalizado com *links*, ao qual designam de hipertexto, e por tratar de temas que nos permitem fazer uma análise discursiva e sociocultural de “discursos de gênero”, isto é, que enunciam sobre o homem e a mulher, significando-os e representando-os discursivamente.

⁴ A página *Terra Mulher* é uma revista feminina eletrônica que se assemelha, quanto ao conteúdo disponibilizado, a uma revista feminina impressa.

o usuário os acessam. Essas informações aparecem na tela através de ícones, palavras ou frases inteiras que, com um *clique* do *mouse*, levam o usuário a outras páginas.

No hipertexto, o leitor direciona sua leitura por meio dos *links* disponibilizados pelo autor na tela do computador. Desse modo, ele tem diante de si uma variedade de *links* e pode escolher seguir diversos caminhos, resultando assim em uma leitura não-linear. Ele pode iniciar uma leitura, percorrê-la ou interrompê-la, o que influenciará no resultado final do conteúdo apreendido por ele. No entanto, suas escolhas não são livres, pois a sequência do que será ou não lido está submetida às opções de leitura disponibilizadas pelo autor do sistema arbóreo, que marca nos hipertextos os possíveis percursos de leitura a serem feitos pelo leitor.

Acreditamos que o sistema arbóreo – resultante da junção dos percursos – não consiste apenas numa exteriorização de caminhos oferecidos pelos *links*, os quais estão visíveis na página da internet, mas possui, além deles, elementos discursivos que explicam as possibilidades de formação de percursos conforme as opções disponibilizadas pelo hipertexto e as escolhas feitas pelo leitor.

Desse modo, os *links* desempenham um papel importante no hipertexto, pois direcionam a leitura do leitor, definem caminhos e podem ser considerados marcas explícitas dos possíveis percursos de leitura oferecidos ao leitor. Além disso, eles representam uma outra marca que não manifesta-se explicitamente: a marca discursiva, ou seja, a marca do controle dos sentidos manifesta nas possibilidades de leitura que eles oferecem.

Essa perspectiva discursiva adotada para analisar os *links* no hipertexto, se relaciona às considerações de Orlandi (1996) em seus estudos sobre as notas de rodapé em textos lineares impressos do século XVII ao século XIX. A autora observou que as notas estavam em pontos onde havia chances de “fuga dos sentidos, ou seja, onde a alteridade ameaça a estabilidade dos sentidos, onde a história trabalha seus equívocos, onde o discurso deriva para outros discursos possíveis” (p. 12).

Segundo Orlandi, as notas eram um sistema de controle dos sentidos produzidos naqueles textos. Para a autora, as notas “são a cicatriz, o traço do outro sentido, a marca inexorável da incompletude, dos sentidos postos em silêncio” (p. 13), ou seja, há significações que são autorizadas a circular socialmente e a se institucionalizarem por meio dos textos, mas há outras que são silenciadas, pois não compactuam das visões socialmente aceitas e compartilhadas.

Esse controle do sentido observado por Orlandi nas notas de rodapé, pode ser identificado também nos *links* que compõem o hipertexto. Veremos posteriormente que, assim como as notas, os *links* silenciam sentidos, são a “cicatriz” do outro sentido não manifestado, dando ao leitor apenas a falsa ilusão de que é livre para ir onde deseja.

Se no hipertexto só é oferecida ao leitor a opção de ler alguns hipertextos – aqueles que estão ligados pelos *links* –, apenas alguns enunciados, e conseqüentemente discursos, farão parte do processo de significação construído nessa leitura.

De acordo com Cavalcante (2005, p. 163) “os *links* têm um papel relevante na construção de sentido dos textos virtuais”. Assim, conforme já discutimos, o *link* pode ser considerado o movimento de construção de sentidos que o hipertexto permite ao leitor. Essa possibilidade de se movimentar cria sentidos específicos conforme os caminhos escolhidos pelo leitor – sempre condicionado pelo que o autor lhe oferece –, estabelece redes intertextuais e interdiscursivas que determinam as possibilidades de compreensão e de construção do sentido dos (hiper) textos.

Quando o leitor se coloca diante de um hipertexto, ele tem a possibilidade de optar por um *link* que o levará a determinado hipertexto, que também possui outros *links*. Se ele opta por fazer um “itinerário” pela rede hipertextual, primeiramente terá de eleger o *link* do qual partirá e, a partir daí, escolher outros *links* relacionados, traçando assim um percurso de leitura. Ao fazer uma opção, ele rejeita outras e, portanto, faz a construção de sentidos que é possibilitada por aquele percurso selecionado, diferente de outro.

Ao selecionar um determinado caminho e excluir outros, o leitor também tem contato com alguns discursos que podem ser diferentes dos de outro caminho ou, ao contrário, que podem se ligar aos dos outros percursos através de relações interdiscursivas.

Portanto, nesse trabalho, o nosso objetivo é percorrer esses caminhos possibilitados pelos *links*, estabelecer elos nessa rede, a fim de observarmos as relações discursivas que existem entre os hipertextos de cada percurso do sistema arbóreo.

PERSPECTIVAS DISCURSIVAS

Na obra *A arqueologia do saber*, Foucault (2008) afirma que diversos textos que tratam sobre os mesmos objetos de discurso podem se relacionar devido à presença de enunciados pertencentes a determinados conjuntos significantes chamados de formações discursivas e institucionalizados como discursos.

Segundo Maingueneau (2008), essa relação entre discursos pode ser percebida no plano da interdiscursividade, considerada como o diálogo entre discursos. Desse modo, textos produzidos em determinada sociedade e pertencentes a um mesmo momento sócio-histórico estabelecem relações devido aos discursos que lhes são constitutivos. Esses discursos são perceptíveis por meio de enunciados que, materializados em frases, textos, veiculam modos de ver e de conceber os objetos de discurso sobre os quais falam.

De acordo com Foucault (2008), o enunciado assume como suporte material uma estruturação formal, seja como frases, proposições ou atos de linguagem organizados em textos, cuja transformação em enunciado só se dá devido à existência da função enunciativa. Ela é a responsável por instituir um referente, ou seja, ser/objeto sobre o qual se desenvolvem os discursos, atribuir posições de sujeito ao enunciado que o relaciona a um determinado lugar institucional, conferir *historicidade* ao enunciado, ou seja, fazê-lo pertencer a um campo de coexistência com outros enunciados – onde ocorre o diálogo entre eles, permitir ao enunciado ter uma *materialidade repetível*, isto é, o enunciado deve ter um local para ser registrado, uma voz para enunciá-lo, uma época para aparecer, para assim marcar sua existência no mundo.

São as regularidades quanto aos elementos da *função enunciativa* que permitem o agrupamento dos enunciados em determinadas formações discursivas. Para Foucault (2008), o enunciado pertence a uma formação discursiva e a sua regularidade é estabelecida por ela. Sendo assim, os objetos de discurso não significam por si mesmos, mas é o seu pertencimento a determinada formação discursiva que delimita seu sentido e os diferencia em relação aos outros.

Cumprido ressaltar que as formações discursivas não são homogêneas nem um conjunto fechado e acabado; ao contrário, estão em constante transformação e atualização, como a própria linguagem pela qual os enunciados que a integram se manifestam. Mesmo diante da heterogeneidade inerente aos enunciados e à própria formação discursiva, é possível observarmos nas diversas formações discursivas a constituição dos discursos.

Segundo Foucault (2008), o termo discurso pode ser definido como “um conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação” (p. 122), ou seja, um discurso possui um conjunto de enunciados – que se filiam a um *campo enunciativo*, possuem historicidade, posições de sujeito específicas e uma *materialidade repetível* –, e estes são agrupados, segundo regularidades específicas, em formações discursivas que lhes dão identidade.

Para Foucault (1996), os discursos caracterizam-se pela forma como designam, formam e apresentam seus objetos, sendo considerados, portanto, práticas que formam os objetos de que falam, dando-lhes identidade e colocando-os em relação com outros objetos em uma rede de discursos.

Assim, vários textos podem dialogar entre si, devido à presença de enunciados em comum filiados a determinado(s) discurso(s) socialmente estabelecidos por determinadas instituições sociais. Esse diálogo entre discursos é designado de interdiscursividade.

Segundo Maingueneau (2008), os discursos trazem consigo a presença do “Outro”, ou seja, as vozes com as quais eles dialogam, seja para se oporem ou se apoiarem, para então se constituírem. Dentre as formas de o “Outro” se manifestar em um discurso, destacamos a *heterogeneidade constitutiva*, na qual a presença do “Outro” se faz na inter-relação que se estabelece no interior do discurso, de uma voz com outra no plano das formações discursivas.

A *heterogeneidade constitutiva* é a responsável pela historicidade inerente ao discurso, ou seja, os discursos encontram-se repletos de vozes, estão em constante diálogo com a alteridade a partir da qual se constituem, bem como se tornam elementos de amparo para novos dizeres. Ela é designada como a interdiscursividade, significando a relação de um discurso com outros discursos. Para Maingueneau, esses discursos estabelecem diálogos – seja de confronto, de apoio, de neutralidade –, que são responsáveis por marcar sua identidade.

No plano da interdiscursividade, observamos que cada formação discursiva possui seus enunciados instituídos, socialmente aceitos, assim como possui aqueles que são rejeitados. Desse modo, há sentidos que podem se manifestar em uma formação discursiva e que não são permitidos de se manifestarem em outras; há significações que são autorizadas a circularem socialmente e a se institucionalizarem, mas há outras que são interditas, pois não compactuam das visões socialmente aceitas e compartilhadas.

Sendo assim, procuraremos evidenciar como as relações entre os hipertextos do *corpus* selecionado se fazem também devido aos discursos que lhes são constitutivos e que se manifestam através de enunciados. Buscaremos reforçar a tese de que um *link* abre possibilidades de leitura que reforçam determinados discursos, mantendo as visões que se deseja instituir social e culturalmente sobre os objetos de discurso. Isso significa que um *link* não apresenta conexões com *links* que desconstruem o discurso que se deseja instituir, mas sim o reforça e o presentifica a cada nova página que permite ao (hiper)leitor abrir.

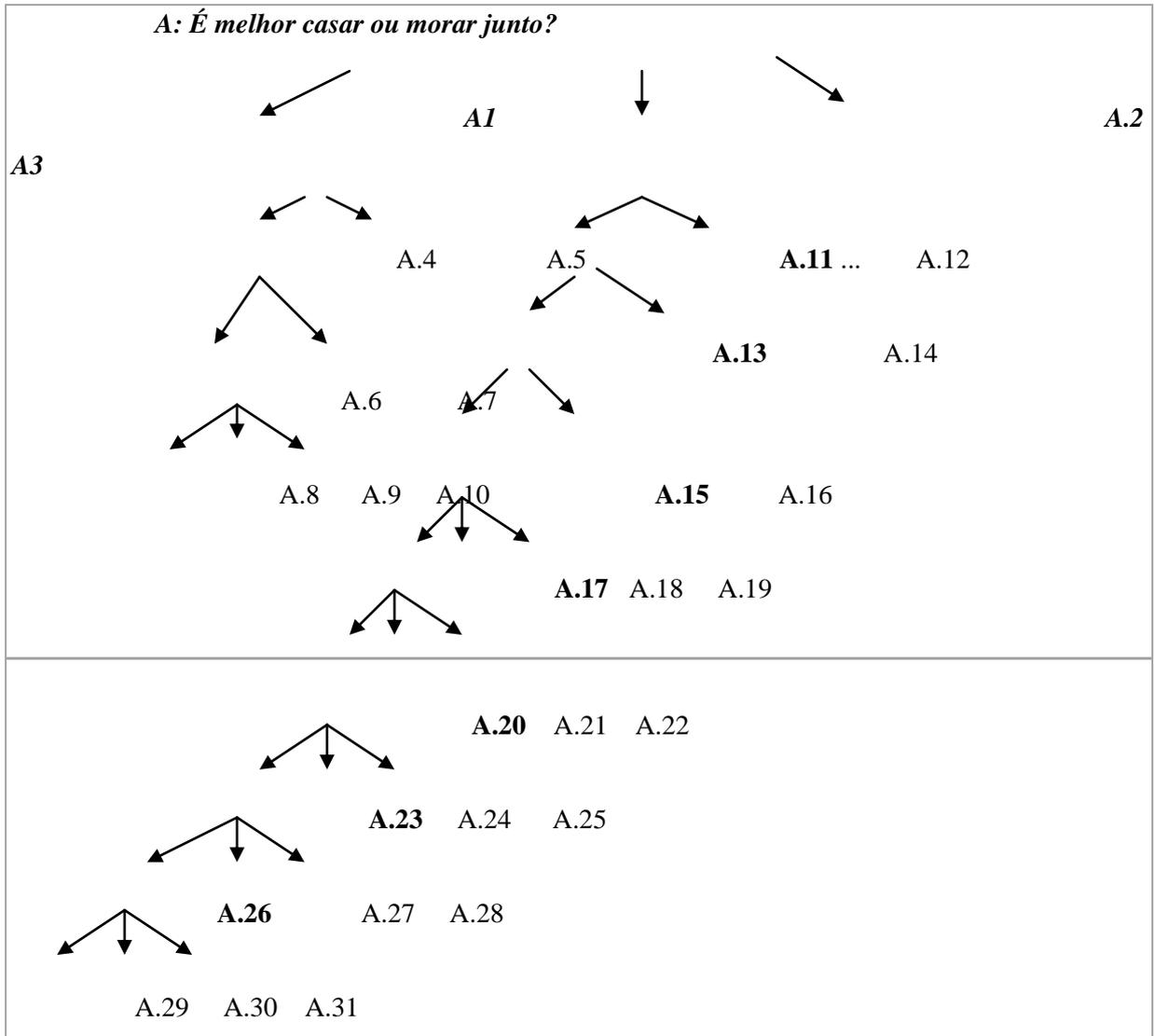
RELAÇÕES (INTER) DISCURSIVAS NO PERCURSO HIPERTEXTUAL

Na página principal do *site* selecionado, há vários *links* e cada *link* possui outros *links* interiores que levam-nos às páginas independentes. Selecionamos o *link* *Vida e estilo* e, em seguida, o *link* ramificado cujo título é *Mulher*, o qual nos direcionou para uma página semelhante a uma revista feminina. Nessa página, escolhemos o *link* da seção *Relacionamento*, com várias opções de leitura, dentre as quais selecionamos o *link* *É melhor casar ou morar junto?* Esse *link*, que designamos de **A**, nos ofereceu três *links* (**A.1**, **A.2** e **A.3**) para percorrermos e assim observarmos as relações (inter) discursivas entre os hipertextos. Os trajetos de leitura oferecidos pelo *link* **A** estão representados na figura 1 que expõe os três percursos abertos por ele. Entretanto, optamos por demonstrar apenas as relações estabelecidas entre os hipertextos do primeiro *link* que designamos de **A.1** e destes ao *link* **A** de onde se originaram.

Percorremos o trajeto **A.1** e lemos os hipertextos **A.4**, **A.6** e **A.8**⁵ com o objetivo de encontrarmos enunciados e identificá-los como pertencentes a determinadas formações discursivas, para assim observarmos as relações (inter) discursivas que defendemos existir no percurso hipertextual.

⁵ Fizemos apenas a análise desses hipertextos porque são todos do mesmo gênero textual (reportagem). Não analisamos A.5, A.7, A.9 e A.10 porque são fóruns ou chats, os quais requerem outra análise.

FIGURA 1 – Sistema arbóreo hipertextual



Durante a leitura, identificamos enunciados que listamos de **E.1** a **E.19**, sendo que os enunciados **E.1** a **E.3** correspondem ao hipertexto **A É melhor casar ou morar junto?**, os enunciados **E.4** a **E.10** ao hipertexto **A.1 O que as mulheres mais valorizam em um homem?**, os enunciados **E.11** a **E.14** ao hipertexto **A.4 – Gestos masculinos podem revelar se ele está caidinho por você**, os enunciados **E.15** e **E.16** ao hipertexto **A.6 Confira dicas para decifrar sinais de sedução** e os enunciados **E.17** a **E.19** ao hipertexto **10 dicas para seduzir com a roupa**.

E1) “A mulher se sente amada quando é pedida em casamento e isso faz com que ela tenha mais facilidade para engravidar e para se sentir à vontade com a relação. Ela fica mais segura”, conta.

E2) Segundo Cláudia, quando as duas partes não se sentem verdadeiramente entregues na relação alguns probleminhas podem surgir. O homem, por exemplo, tende a não planejar sua vida com aquela parceira – o que resulta em uma não tão bem sucedida carreira profissional, já que ele não se vê como o “o homem da casa”. “Já a mulher não consegue investir tanta energia nesse parceiro. Ela pode se negar a ir a uma festa da empresa dele, por exemplo, por não se sentir a esposa”, complementa.

E3) “Na prática, não há diferença entre estar casado e morar junto”.

E4) Segundo a psicóloga Kelen Pizol, as mulheres procuram por segurança, [...].

E5) “A mulher admira ainda o homem seguro, próspero e trabalhador, que tenha projetos e um foco na vida”, completa Eliete.

E6) Outras atitudes apreciadas por elas são o cavalheirismo, carinho e atenção.

E7) [...] as mulheres não abrem mão de escolher bem seu companheiro.

E8) “Antes elas queriam uma relação mais segura. Hoje a mulher não quer que o marido interfira na sua vida,” explica Eliete.

E9) “O casamento deixou de ser um negócio, pois ele nem sempre é para a vida toda. Portanto, a mulher tem que se garantir”, completa a profissional.

E10) Segundo a psicóloga Kelen Pizol, as mulheres procuram por [...], fidelidade e companheirismo. “O homem tem que ser carinhoso e presente sexualmente”, diz Kelen.

E11) Você está em uma mesa de bar com amigos e repara na presença de um homem mais adiante. Pronto, o alvo da paquera da noite já foi achado e você começa a mandar sinais de que está a fim.

E12) Alguns sinais bem simples podem indicar se ele foi fígado e está caidinho por você.

E13) Ele vai começar a apertar e girar o copo ou a lata que estiver segurando, em um ato inconsciente que denuncia (*sic*) no que ele está pensando: sexo.

E14) Vai lhe emprestar o paletó, caso você sinta frio. Em outras palavras, vai marcar o território que considera dele.

E15) Para se demonstrar que se tem muita vontade de estar com alguém, deve-se ficar a pelve (parte do abdome em que ficam os órgãos genitais) voltada para frente da pessoa, como uma forma inconsciente de dizer “Estou aqui, olhe para mim”. A maioria dos homens faz isso e não se dá conta dessa atitude.

E16) Um homem que busca algo mais sempre terá a tendência de invadir seu espaço pessoal, assim como as mulheres com seu “alvo de interesse”. É uma interação normal, em que a pessoa costuma ficar a uma distância de mais ou menos um metro da outra, mas é normal que se tente ficar ainda mais próximo da outra pessoa.

E17) Diga a ele que vocês vão jantar fora. Ponha uma saia com fenda, ou curta e justa, ou calças bem agarradinhas ao corpo – a intenção é deixá-la atraente e, mais do que isso, sugestiva.

E18) Seduza-o tirando a roupa (a sua, não a dele). Faça o striptease bem devagar, já que cada movimento pode provocar a alta ou a baixa no entusiasmo dele.

E19) Nada melhor do que vender os olhos dele ou amarrá-lo para deixá-lo louco por você. Não saber qual será o próximo passo vai intensificar ao máximo os sentidos do seu amado. Para vendá-lo, use a gravata dele. E a camisa dele pode ser usada para amarrar as mãos do sortudo. Não ter o controle da situação é uma fantasia que agrada aos homens e eles a desejam de vez em quando. (TERRA MULHER, 2009).

Considerando os conceitos apresentados por Foucault (2008), constatamos que em todos os hipertextos do percurso A.1 há enunciados que falam sobre os mesmos objetos de discurso, homem e mulher, sendo que essa última ora é apresentada no discurso como interlocutora ora como objeto de discurso. Observamos também que esses enunciados apresentam posições de sujeito que os identificam, relacionam e agrupam em determinadas formações discursivas, lugar onde se manifesta a historicidade dos enunciados, pelo dito e pelo não-dito que os constituem.

Sendo assim, podemos afirmar que em cada hipertexto aberto durante o percurso manifestam-se enunciados pertencentes à Formação Discursiva Tradicional⁶ e à Formação Discursiva Moderna, evidenciando assim a interdiscursividade entre os discursos manifestos em cada hipertexto.

A figura 2 a seguir, cujo título é *Relações entre os hipertextos*, apresenta os posicionamentos discursivos sobre o homem e a mulher, objetos de discurso, nas FDs⁷ Tradicional e Moderna. A partir da análise dos enunciados E.1 a E.19, destacamos em negrito os posicionamentos discursivos neles manifestos, a fim de explicitar a relação de um hipertexto com outro pela manutenção, em alguns temas, de posicionamentos discursivos pertencentes à FD Tradicional e/ ou Moderna.

⁶ Para designarmos as duas FDs como Tradicional e Moderna, baseamo-nos nas considerações de Bourdieu (2007) sobre as divisões instituídas histórica e sócio culturalmente entre os gêneros masculino e feminino. De acordo com ele, por meio do simbólico, são construídas visões e divisões sexualizantes sobre o homem e a mulher, segundo as quais *o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas* (p. 23). Nesse discurso tradicional identificado pelo autor, as representações do masculino caracterizam o homem como o melhor, de maior poder, não-marcado, ao qual se atribuem características como virilidade, força, proteção, excelência, ligado ao domínio da rua, sendo-lhe destinado o papel de provedor, o forte, a parte dominante da relação, incumbido de ser o melhor, sendo considerado a norma e o que é superior, portanto, com características preferidas em detrimento dos atributos femininos. Por outro lado, as representações do feminino atribuem às mulheres características como de “ser” menos capaz, sexo frágil que precisa de um protetor, sensível, sentimental, passiva, ligada ao espaço da casa, dependente do homem, relegada ao seu papel de reprodutora, relacionada, portanto, a domínios inferiores. A partir da discussão de Bourdieu sobre o discurso tradicional, que tem o masculino como princípio, observamos que o discurso moderno entra em conflito com o tradicional, constituindo-se a partir da negação de alguns dizeres do discurso tradicional, sobretudo os relacionados às mulheres. Por outro lado, no que se refere ao homem, o discurso moderno mantém muitos enunciados tradicionais, opondo-se ao discurso tradicional apenas em alguns temas.

⁷ Usaremos a sigla FD para o termo formação discursiva e FDs quando estiver no plural.

Observamos que no hipertexto **A** há enunciados pertencentes à FD Tradicional e à FD Moderna, predominando o discurso tradicional. No hipertexto **A.1**, há enunciados pertencentes a ambas as FDs e que se relacionam aos do hipertexto anterior devido à manutenção do mesmo posicionamento discursivo sobre os objetos de discurso. No hipertexto **A.4**, ainda prevalecem enunciados de ambas as FDs. No hipertexto **A.6**, os enunciados sobre a mulher filiam-se à FD Moderna. Já os enunciados sobre o homem ligam-se à FD Tradicional e à FD Moderna. No hipertexto **A.8**, os enunciados sobre a mulher ligam-se à FD Moderna e à FD Tradicional e os enunciados sobre o homem se relacionam as duas FDs.

FIGURA 2 - Relações entre os hipertextos

TEMAS	HIPERTEXTO	<i>Objeto de discurso: homem</i> Posicionamentos discursivos		<i>Objeto de discurso: mulher</i> Posicionamentos discursivos	
		FD Tradicional	FD Moderna	FD Tradicional	FD Moderna
Vida sentimental	A, A.1	Forte, seguro, cavalheiro, dominador, individualis-ta	Cavalheiro, fragiliza-se emocional-mente	Emotiva, frágil, dependente do homem, insegura, valoriza o amor.	Forte, independente do homem, segura, valoriza o amor.
Sexo	A.1, A.4, A.6, A.8	Desejo sexual forte, viril, ativo	Desejo sexual forte, viril, ativo e passivo	Passiva, sexualidade negada, desejo sexual reprimido.	Ativa e passiva, sexualidade livre, sedutora.
Conquista	A.1, A.4, A.6, A.8	Conquista-dor	Deixa-se conquistar	“Ser” conquistado, “ser-percebido”, cuida da aparência	Conquistadora, “ser-percebido”, cuida da aparência
Vida profissional	A.1,	Bem-sucedido	Bem-sucedido	Dependente financeiramente do homem	Bem-sucedida, independente financeiramente
Fidelidade	A.1	Infiel	Fiel	Fiel	Fiel
União	A	Oficializada	Não oficializada	Oficializada	Não oficializada

FD Tradicional *versus* FD Moderna.

Desse modo, podemos afirmar que um hipertexto pode se ligar a outro pelo diálogo entre enunciados de uma mesma FD ou pelo diálogo entre FDs diferentes⁸, podendo estabelecer tanto uma relação de inclusão, ou seja, o enunciado aceito numa FD é também o dizer instituído na outra, quanto uma relação de exclusão, na qual o interdito de uma FD se constitui no dizer instituído da outra. Consideramos que é pela relação entre posicionamentos discursivos, seja a inclusão ou a exclusão, que os hipertextos se ligam no sistema arbóreo hipertextual.

Portanto, o sistema arbóreo não é apenas um armazenador de (hiper) textos, mas, também, uma construção discursiva, onde os posicionamentos discursivos são colocados em relação quando os hipertextos são conectados por meio dos *links*.

RELAÇÕES ENTRE HIPERTEXTOS: ENTRE A HISTORICIDADE E A INOVAÇÃO

Observamos que a historicidade possibilita a esses enunciados filiarem-se a FDs, dialogarem com outros da mesma FD ou da FD oposta. É justamente a historicidade que propicia a constituição do sistema arbóreo hipertextual, pois os hipertextos só o integram por apresentarem posicionamentos discursivos que dialogam entre si, ou seja, que estão em uma relação interdiscursiva.

Constatamos que o hipertexto não promove conexões entre hipertextos com enunciados que se contradizem e que diluem a construção do objeto de discurso que se objetiva realizar nos textos ali produzidos. Eles sempre relacionarão hipertextos com enunciados que reafirmam posições sobre os objetos de discurso partilhadas por quase toda uma sociedade ou, em um *corpus* diverso deste, com enunciados que se colocam contra os posicionamentos já instituídos socioculturalmente na sociedade.

Desse modo, podemos dizer amparados em Orlandi (1996), que os *links* no hipertexto representam a cicatriz do “outro”, da parte negada, do interdito. Eles expressam o poder de uma sociedade, com sua cultura, sua história e seus valores, ao permitir direcionar um

⁸ Note que a FD Moderna apresenta enunciados que se constituíram a partir dos não-ditos da FD Tradicional e traz consigo o “Outro” do discurso tradicional, colocando-o como dizer instituído; o oposto também pode ser considerado, ao percebermos que alguns dizeres afirmados pela FD Tradicional são justamente os negados pela FD Moderna. Podemos afirmar também que as duas FDs não são completamente antagônicas, por admitirem em seu interior enunciados que lhes são comuns, havendo, portanto, uma relação de aliança entre as duas FDs.

hipertexto a outro com posicionamentos discursivos convergentes e ao impossibilitar a relação entre posicionamentos contrários.

A partir dessas relações discursivas identificadas no hipertexto, constatamos também um aspecto que simboliza a contemporaneidade, marcada pela quebra de fronteiras e em função da evolução dos meios de comunicação: a junção do novo com o já instituído, resultando num elemento híbrido, a união de opostos que se complementam – como bem observamos nos dois discursos opostos que se complementam nos hipertextos e se ligam a um mesmo princípio –, enfim, a junção de diferentes para conferir nova roupagem aquilo que já existe e ao que foi criado recentemente.

Essa união entre diferentes, mas convergentes para criar o novo, pode ser observada no hipertexto: ele traz o elemento novo – os *links* que direcionam a leitura e ligam hipertextos – que se amparam no já existente, ou seja, na historicidade das coisas ditas. Isso significa que o *link*, símbolo da inovação, depende da historicidade dos discursos para relacionar os hipertextos, pois, conforme já demonstramos, as ligações entre hipertextos não se fazem apenas por meio de links, mas dependem da existência de enunciados que se relacionam interdiscursivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, dedicamo-nos a investigar as ligações entre hipertextos promovidas por *links* e a constituição de percursos diferenciados de leitura, a fim de entendermos por que era permitido selecionar um hipertexto e não outro para compor o trajeto de leitura hipertextual. Acreditávamos que haveria relações discursivas instituídas nesses percursos, os quais não se formariam sem que houvesse diálogo entre os enunciados manifestos naqueles hipertextos.

Pela análise individual dos hipertextos de cada percurso, observamos que cada hipertexto se liga ao subsequente ou, inversamente, que o subsequente se relaciona com os precedentes. Verificamos que um hipertexto se liga a outro por meio de *links*, mas, principalmente, por meio de enunciados pertencentes a formações discursivas contíguas, não admitindo, no percurso de leitura, o diálogo entre discursos que contradizem a (s) visão (ões) que se deseja instituir sobre os objetos de discurso.

Diante da análise realizada, observamos também que no percurso hipertextual há elementos inovadores como os *links*, mas também uma historicidade que lhe é constitutiva, derivada dos discursos manifestos na materialidade discursiva dos hipertextos.

Esperamos que essa proposta de análise do hipertexto sob a ótica discursiva proporcione uma nova visão sobre o processo de leitura e construção de sentidos no/do hipertexto, bem como propicie novos horizontes de pesquisa que relacionem os estudos da internet e do hipertexto à Análise de Discurso.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SANTAELLA, Lucia. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **[Re] discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- TERRA MULHER. **É melhor casar ou morar junto?** Desenvolvido pela equipe do portal TERRA. Disponível em: <<http://mulher.terra.com.br/interna/0,,OI2302163-EI4788,00E+melhor+casar+ou+morar+junto.html>>. Acesso em: 18 jun. 2009.